



**UNIVERSIDADE DA INTEGRAÇÃO INTERNACIONAL DA LUSOFONIA  
AFRO-BRASILEIRA  
INSTITUTO DE HUMANIDADES E LETRAS  
BACHARELADO EM HUMANIDADES**

**RITO DE INICIAÇÃO FEMININA: A PERCEPÇÃO DAS ESTUDANTES  
GUINEENSES DA UNILAB, SOBRE O FANADO EM ESPECIAL DAS ETNICIAS,  
FULA, MANDINGA, SUSU.**

,

**ABIBATU DJALO**

**REDENÇÃO – CE 2017**

## **MUTILAÇÃO GENITAL FEMININA NA GUINÉ BISSAU**

**ABIBATU DJALO**

Trabalho apresentado pela discente Abibatu Djalo ao Curso de Bacharelado em Humanidades da Universidade da Integração Internacional da Lusofonia Afro-Brasileira (Unilab), como parte dos requisitos necessários para a obtenção do título de Bacharel em Humanidades.

Orientador:  
Professor Doutor Carlos Subuhana

REDENÇÃO - CE

2017

## FICHA CATALOGRÁFICA

---

Universidade da Integração Internacional da Lusofonia Afro-Brasileira  
Sistema de Bibliotecas da UNILAB  
Catalogação de Publicação na Fonte.

---

Djaló, Abibatu.

D653r

Rito de iniciação feminina: a percepção das estudantes guineenses da Unilab, sobre o fanado em especial das Etnicias, Fula, Mandinga, Susu / Abibatu Djaló. - Redenção, 2017.  
41f: il.

Monografia - Curso de Humanidades, Instituto De Humanidades, Universidade da Integração Internacional da Lusofonia Afro-Brasileira, Redenção, 2017.

Orientador: Prof. Dr. Carlos Subuhana.

1. Guiné-Bissau. 2. Religião. 3. Ritual de Iniciação, Mutilação genital, Fanado. I. Título

CE/UF/BSCL

CDD 966.5703

**ABIBATU DJALO**

**MUTILAÇÃO GENITAL FEMININA NA GUINÉ BISSAU**

Trabalho apresentado pela discente Abibatu Djalo ao Curso de Bacharelado em Humanidades da Universidade da Integração Internacional da Lusofonia Afro-Brasileira, como parte dos requisitos necessários para a obtenção do título de Bacharel em Humanidades.

Redenção – CE, 07 de Agosto de 2017

**BANCA EXAMINADORA**

---

**ORIENTADOR:** Professor Doutor Carlos Subuhana  
Universidade da Integração Internacional da Lusofonia Afro-Brasileira - UNILAB

---

**Professor:** Doutor Luis Tomás Domingos  
Universidade da Integração Internacional da Lusofonia Afro-Brasileira - UNILAB

---

**Professora Doutora:** Isabel Cristina  
Universidade da Integração Internacional da Lusofonia Afro-Brasileira - UNILAB

## **Dedicatória**

Primeiramente dedico este trabalho a Allah por ser essencial em minha trajetória de vida, autor do meu destino, na Guiné-Bissau e no Brasil, sempre presente na hora da angustia; bem como ao meu querido e amado pai, Aladje Tchernó Aliu Satina Djalo. E à minha querida amada mãe, Fatumata Baldé, especialmente à minha amada avó, Adja Adiatu Ly.

## AGRADECIMENTOS

Agradeço Allah, todo poderoso, pela força e coragem que me deu durante este percurso para que a realização deste trabalho de conclusão do curso pudesse ser concluída. Agradeço aos meus ancestrais que, através deles, a minha existência tornasse uma realidade; aos meus pais, Aladje Tchernó Aliu Satina Djalo e Fatumata Baldé que, apesar de ausentes, neste mundo, zelam por mim. E à minha querida amada tia, irmã da minha mãe, Adama Ularé (Mama), a quem dispenso comentários. Se, hoje, eu consegui caminhar nesse percurso, é graças a Deus e à ela, com muito esforço; agradeço do fundo do meu coração à minha querida e amada tia, irmã do meu pai, Adja Aissatu Bobo Djalo (Nene Biba), a quem dispenso também comentários, (Nene bu biba consegue Allah ku maudo), com muita honra, carinho e admiração. Agradeço ao meu querido orientador, Prof. Dr. Calos Subuhana, pela paciência na orientação e incentivo que tornaram possível este trabalho de conclusão de curso. Agradeço, também, os meus irmãos e às minhas irmãs, que, de forma direta ou indiretamente, me apoiaram nesta caminhada meu muito obrigada de coração mesmo, em especial, agradeço o meu querido e amado irmão Mamudo Djalo, que chegou ao Brasil para alegrar os meus dias e me consolar pela perda do nosso querido pai, DJARAMA KOTO. E com muito carinho e lágrimas de alegria que agradeço à minha querida e amada irmã, minha segunda mãe, Adiatu Djalo, a quem também dispenso comentários. Não podia deixar de agradecer às minhas tias, Wulaimatu Baldé Djenabu Baldé (Corca) Saram Ularé e Nbalia Ularé, e às minhas primas e os meus primos, em especial, Ismaila Indjai, pelos momentos que passamos juntos, sou grata por todo. E os meus sobrinhos e às minhas sobrinhas, gratas por todo: a titia vos ama tanta. Em especial à minha querida amiga irmã Windjabá, grata pela nossa amizade. Retribuo aos meus afilhados: Didier Te e o Manuel Nanque, pela amizade e respeito que me deram e pelos nossos momentos bons e tristes que passamos durante o curso no Brasil. Ao mesmo tempo, agradeço à Ada Joseliza Có, minha colega de estudo, amiga e filha que Brasil me deu. Espero que a nossa amizade continue para sempre. Sou grata por todo. Carinhosamente, estendo meu agradecimento ao meu grande amigo, meu afilhado namorado, cúmplice de todos os momentos, Fode Mane (Bature). A ele, dispenso comentários. Agradeço, carinhosamente, aos meus colegas do estudo, Barnabé, Valeriano Dju, Rui Costa; ao meu maninho, Chiry Cardoso; à minha querida maninha, Teodora Tavares, sou grata por todos. E aos colegas/os da nossa comunidade islâmica e às meninas que fizeram parte do meu trabalho, eu agradeço do fundo do meu coração. Sem vocês, a conclusão

deste trabalho teria sido mais difícil. ONDJARAMA BUI a todos e todas os professores e professoras que me acompanharam durante a graduação na UNILAB. Não menos importante, agradeço à Banca Examinadora, na pessoa de Prof. Dr. Luís Tomas Domingos e à Profa. Dra. Isabel Cristina, meu muito obrigada por terem compartilhado os vossos conhecimentos comigo urante a arguição de TCC. Aproveito para reconhecer o papel do Ministério da Educação do Brasil por prestar o apoio aos estudantes internacionais dos Países da Língua Oficial Portuguesa; bem como à Universidade da Integração Internacional da Lusofonia Afro-Brasileira (UNILAB), por disponibilizar vagas em cursos superiores da UNILAB. Agradeço, por fim, aos meus familiares, que direta ou indiretamente, me apoiaram durante a minha estadia no Brasil. De coração, a todos os amigos, colegas de estudo em humanidades da turma 2013.3.

## RESUMO

O presente trabalho teve objetivo de analisar a prática de iniciação feminina chamada *fanado* na Guiné-Bissau, ou mutilação genital, no Brasil e na literatura como um todo. Iniciemos o estudo apresentando o quadro de debate teórico sobre as concepções que os autores têm de ritual de circuncisão na literatura temática, entendido, aqui, como estado de ordem e desordem que regulamenta relações socioculturais. Em seguida, em função do objetivo traçado, procurou-se apontar os caminhos metodológicos que serviu de base para a análise das informações de campo, principalmente sobre as percepções sobre a prática de circuncisão. A técnica de pesquisa usada é uso de pesquisa qualitativa, acompanhada de análise bibliográfica, no entanto, pela sua natureza qualitativa, procurou entender o não dito, ou seja, aquilo que não aparece explicitamente na análise de conteúdo, mas fundamental para nossa análise. Foram entrevistadas sete estudantes, de diferentes cursos de graduação. As entrevistas ocorreram na Unilab, cujas questões, postas as estudantes, giraram em torno de suas percepções que as mulheres têm do ritual fanado de iniciação feminina na Guiné-Bissau. A análise das entrevistas aponta vários significados, todas elas ligadas as questões relacionadas com a estrutura da comunidade guineense, em especial comunidade praticante da religião muçulmana. Há um sentimento do caráter sagrado do ritual, mas, também, situações o ritual gera constrangimentos e riscos à vida, à saúde, dentre outras situações geradores de dor e sofrimento frequente de mulheres em suas vidas e saúde, que prejudica seus corpos e mentes. Existe, por outro lado, uma visão positiva do fanado, do ponto de vista cultural, no entanto, o ritual tem-se diminuído sistematicamente a partir de ações de sensibilização de algumas ONGs, que lutam com a prática. Essa tendência vem crescendo a partir da criação de uma lei que penaliza qualquer ato de gênero que pode colocar em causa à saúde sexual e reprodutiva de mulheres e meninas guineenses.

**Palavras-Chave:** Ritual; Iniciação; Mutilação genital; Fanado; Religião; Guiné-Bissau.

## **ABSTRACT**

**Keywords:** Guinea-Bissau,

## **LISTA DE SIGLAS**

ALAMUTA- Associação de Mulheres Camponesas

AMAE - Associação de Mulheres das Atividades Econômicas

ANDIFES - Associação Nacional dos Dirigentes das Instituições Federais de Ensino Superior

ANP - Assembleia Nacional Popular

## SUMÁRIO

INTRODUÇÃO .....	261
CAPÍTULO I - QUADRO DE DEBATE TEÓRICO .....	13
1.1. Relexões sobre a mutilação feminina .....	15
1.2. Metodologia e procedimentos para a análise .....	18
CAPÍTULO II: CONTEXTUALIZAÇÃO E DADOS SOBRE A GUINÉ-BISSAU.....	20
2.1. População.....	20
2.2. Relevo, vegetação e hidrografia.....	20
Organização administrativa.....	20
CAPÍTULO III: ANÁLISE DAS PERCEPÇÕES SOBRE O FANADO .....	22
CONSIDERAÇÕES FINAIS .....	34
REFERÊNCIAS BIBLIOGRAFICAS .....	35
ANEXO I: Roteiro de entrevistas e dados das entrevistadas.....	37
ANEXO II. Questões que guiaram o roteiro das entrevistas.....	38
ANEXO III: Outros documentos consultados.....	40

## INTRODUÇÃO

O presente Trabalho de Conclusão de Curso de Bacharelado em Humanidades teve como objetivo um breve estudo sobre o rito de iniciação feminina na Guiné Bissau, tendo como foco a percepção que as estudantes guineenses da Universidade da Integração Internacional da Lusofonia Afro-Brasileira (UNILAB) têm do rito de iniciação denominado no país *fanado* e/ou mutilação genital feminina, na literatura ocidental. Particularmente nos interessa saber se o rito *fanado* tem algum sentido e/ou significado religioso ou sociocultural e até afeta à saúde sexual e reprodutiva da mulher, direta ou indiretamente, segundo visão das meninas entrevistadas.

### **Objetivos Gerais**

- Definimos como objetivo geral analisar as implicações do rito de iniciação (*fanado*) na saúde sexual e reprodutiva entre as meninas guineenses, estudantes na UNILAB.

### Objetivos Específicos

- Analisar o papel das Organizações Não governamentais (ONGs) que atuam em defesa da saúde sexual e reprodutiva da mulher guineense, em relação à prática de *fanado*.
- Entender a relação entre a prática de *fanado* e o risco de contaminação do HIV, entre outras doenças, sexualmente transmissível.
- Avaliar se a prática de *fanado* implica, ou não, em um problema de saúde pública.

O trabalho compõe-se de três partes: uma introdução, três capítulos e uma conclusão. A introdução inclui aspectos metodológicos que direcionaram a pesquisa, os elementos que justificam nosso estudo, que serão retomados posteriormente.

O primeiro capítulo apresenta o quadro de debate teórico sobre a temática circuncisão presente na literatura. Buscou-se entender conceitos como rito, mutilação genital feminina, que

tem subjacente a ideia de cultura e hábitos de um determinado povo, nesse caso, os costumes presentes na sociedade guineense, centrando aí na prática de fanado de mulher.

O terceiro capítulo, por sua vez, centra-se na análise das percepções que mulheres estudantes guineenses na Unilab têm sobre o rito fanado, bem como suas implicações para a saúde sexual e reprodutiva da mulher. No caso guineense, pela presença de várias percepções, existe visões negativas e positivas da circuncisão, além das considerações finais do significado que o tema adquire nas entrevistas.

## CAPÍTULO I. QUADRO DE DEABATE TEÓRICO

A principal questão teórica usada para a elaboração deste Trabalho de Conclusão de Curso (TCC) e/ou monografia é o rito de iniciação feminina e/ou rito de passagem. Outros temas, como a mutilação feminina, serão analisados a partir da questão principal. Segundo Victor Turner (1972 apud SUBUHANA, 2001), os rituais são unidades de armazenamento que contêm uma quantidade máxima de informação. Estes símbolos também podem ser vistos como “procedimentos de múltiplas facetas”, cada uma das quais corresponde a um tipo específico, entre os vários tipos de relações socioculturais existentes no interior da comunidade que executa o ritual. Subuhana (2001) a partir desta perspectiva só é possível compreender completamente a significação de um símbolo em cada um dos contextos rituais onde ele aparece, ou seja, no conjunto do ritual.

Do ponto de vista da teoria da informação, segundo Victor Turner (1972 apud SUBUHANA, 2001), cada tipo de ritual constitui um depósito de saber tradicional. No entender deste autor, compreender este saber implica necessariamente de uma análise minuciosa do ritual sob diferentes pontos de vista. Feitas estas considerações, Turner caracteriza inicialmente o ritual como um agregado de símbolos, procurando mostrar os mecanismos através dos quais o pesquisador pode penetrar neste universo e produzir análises consistentes e válidas. À primeira vista, o ritual aparece, portanto, como um *quantum* de informação que representa um conjunto de mensagens que devem ser transmitidas ao longo de gerações. A questão que se coloca para o pesquisador, no entanto, é de que maneira investigar a natureza destas informações.

A partir desta questão, Turner (1972 apud SUBUHANA, 2001) desenvolve a ideia central de sua análise já que ao procurar entender a natureza do que está contido neste “depósito de informações” que caracteriza o ritual, ele percebe que em última instância trata-se da descoberta de imperativos e de verdades fundamentais que dizem respeito aos valores decisivos da sociedade onde estão baseados, em última análise, em suas aspirações a respeito de poderes transcendentais e invisíveis. Deste modo, as mensagens contidas no ritual provêm dos deuses ou lhes dizem respeito, sendo dotadas de uma eficácia mística: donde as circunstâncias nas quais são transmitidas, são circunstâncias sagradas.

Em última instância, segundo Subuhana (2001), pode-se perceber que o ritual trata de questões fundamentais a partir das quais se constrói a “visão do mundo” de uma determinada sociedade, ou seja, como uma sociedade vê, explica e dá sentido ao mundo e a si própria. O autor argumenta que para que se possa analisar o ritual, deve-se ter em mente que não se trata apenas de entender os valores embutidos nesse processo, mas também as relações entre esses valores. Assim, a cada fase de um ritual corresponde um arranjo específico de símbolos, atividades ou objetos simbólicos que a contêm sob seu invólucro um sistema de relações sociais. Subuhana, afirma que o símbolo deve ser entendido como o produto das interações entre atores, estando seu sentido ligado exatamente a toda essa reciprocidade de papéis entre os atores do drama ritual. Turner (apud SUBUHANA, 2001) conclui sua análise a respeito do ritual e dos símbolos que nele estão envolvidos, afirmando que cada tipo de ritual consiste em um sistema de grande complexidade, pois possui ao mesmo tempo uma estrutura simbólica, uma estrutura de valor, uma estrutura teológica e uma estrutura de papéis.

A função mais prática do ritual, assinalada por Maus (SUBUHANA, 2001), o considera como uma reafirmação periódica de valores fundamentais e de termos nos quais os indivíduos devem se comportar para que haja um mínimo de coerência na vida social. É importante ressaltar Turner (SUBUHANA, 2001) considera que o ritual não é mais visto apenas como elemento produtor da solidariedade, mas também como *locus* da produção de alternativas ideológicas que podem estar ou não voltadas para a manutenção *do status-quo*. “O ritual cria e recria as categorias pelas quais os homens percebem a realidade” (TURNER apud SUBUHANA, 2001). Subuhana (2001), por sua vez, afirma que somente por causa de crenças muito poderosas, um grupo de indivíduos se reúne para executar um ritual. Se essas crenças perdem sua força, os rituais e os símbolos que eles encarnam passam a provocar não mais a coesão, mas a discórdia e a indiferença.

A professora Martine Segalen (2000 apud SUBUHANA, 2001) define o rito ou ritual como um conjunto de atos formalizados, expressivos, detentores de uma dimensão simbólica. Segundo Segalen, o rito é caracterizado por uma configuração espaço-temporal específica, pelo recurso a uma série de objetos, por sistemas de comportamento e de linguagem específicos e por sinais emblemáticos cujo sentido codificado constitui um dos bens comuns de um grupo. Sendo assim,

(...) O ritual faz sentido, da ordena a da desordem, dá sentido ao acidental e ao incompreensível, dá aos atores sociais meios para dominar o mal, o tempo e as relações sociais. A essência do ritual consiste em misturar tempo individual e tempo coletivo. Definidos nas suas propriedades morfológicas, e através da sua eficácia social, os ritos também se caracterizam por ações simbólicas manifestadas por

emblemas sensíveis, materiais e corporais. (SEGALEN, 2000, p. 23 apud SUBUHANA, 2010, p. 21)

Roberto Da Matta (1979 apud SUBUHANA, 2001, p. 21) considera que os rituais servem para promover a identidade social e construir seu caráter. É como se o domínio do ritual fosse uma região privilegiada para se penetrar no coração cultural de uma sociedade, na sua ideologia dominante e no seu sistema de valores. É o ritual que permite tomar consciência de certas cristalizações sociais mais profundas que a própria sociedade deseja situar como parte dos seus ideais “eternos”.

### **1.1. Reflexões sobre a mutilação genital feminina (MGF)**

A mutilação genital feminina, também conhecida por excisão, circuncisão, ou fanado, define-se como sendo qualquer procedimento que envolva a remoção total ou parcial dos órgãos genitais femininos externos, ou que provoquem lesões nos genitais femininos por razões não médicas<sup>1</sup>. (Braddy & Files (2007 apud OLIVEIRA, 2012, p. 1; OMS, 1988). A prevalência deste costume reporta para milhões de mulheres em todo o mundo, contudo, a Organização Mundial de Saúde considera ainda que, todos os anos, 2 a 3 milhões de mulheres estão potencialmente em risco de ser submetidas a estas práticas (Grupo de Juristas, 2008; Jornal Oficial da UE, 2009 apud OLIVEIRA, 2012, p.1).

De acordo com Oliveira (2012, p. 1), a maioria das sociedades defende que esta prática é necessária para a educação de uma menina e preparação para a sua vida adulta e casamento. Tradição cumprida em nome da religião e da cultura. Portanto, foram classificados os diferentes tipos de mutilação pela OMS em seu informe de 1998 (apud OLIVEIRA, 2012; JUEZ, 2002) da seguinte forma:

Tipo I: a Clitoridectomia, que consiste na remoção total ou parcial do clitóris ou da pele que o cobre; Tipo II: a Excisão, que se baseia na remoção total ou parcial do clitóris e dos pequenos lábios, com ou sem excisão dos grandes lábios; Tipo III: a Infibulação, que se conhece como o estreitamento do orifício vaginal através da criação de uma membrana selante, pela corte e aposição dos pequenos lábios e/ou dos grandes lábios, com ou sem excisão do clitóris. Ou seja, deixa-se um orifício para a saída da urina e a menstruação. Está prática, também chamada mutilação faraônica é comum em alguns países como Sudão e Egito; Tipo IV: Não classificáveis: que inclui todas as intervenções prejudiciais aos órgãos genitais femininos por razões não médicas, como por exemplo, a perfuração, a incisão, a escarificação e a cauterização (APF, 2009).

Estima-se que esta prática seja executada em cerca de 30 países do Continente Africano, alguns países Asiáticos e do Médio Oriente. No entanto, o fenómeno crescente da migração tem feito aumentar o número de raparigas e mulheres que, mesmo vivendo fora do seu país de origem, passam por esse processo ritual. Sendo que

“O ritual da circuncisão é uma forma de estar, no ritual de passagem à vida adulta, algo muito antigo em termos culturais” (testemunho da matriarca de uma aldeia no Quênia, apud OLIVEIRA, 2012, p.2).

“Se forem [iniciadas], as meninas já podem vestir roupa interior, serão mais responsáveis, encontrarão um marido. São mulheres mais completas e respeitadas. Se não forem, são discriminadas” (testemunho da matriarca de uma aldeia no Quênia, apud OLIVEIRA, 2012, p.3).

Sabe-se que a MGF é praticada, na sua maioria, entre os 4 e aos 14 anos de idade por membros mais velhos, geralmente mulheres, da comunidade onde estão inseridas (UNICEF, 2005; JUEZ, 2002). De acordo com Juez (2002), a idade a maneira em que se realiza esse ritual de passagem e/ou iniciação varia de um país para outro, de uma etnia a outra e inclusive dentro de uma etnia, e até de uma família a outra. Por outro, a sua realização em uma área urbana ou rural.

Trata-se de um ato, na grande maioria dos casos, efetuado sem anestesia em que a criança ou mulher é presa na posição ginecológica por outras pessoas. Os instrumentos utilizados são desde tesouras, facas, pedaços de vidros, pedras pontiagudas e até lâminas e não são esterilizados. O facto de se tratar de um procedimento comum e contínuo, os mesmos utensílios são usados para iniciar outras raparigas e isto pode levar à transmissão de doenças ou, em casos mais graves, à morte. (Braddy & Files, 2007, OLIVEIRA, 2012, 3). Segundo Juez (2002), atualmente, pessoas de nível socioeconómico alto e residindo nas áreas urbanas, para além de chamar a fanateca, preferem contratar cirurgiões que são profissionais da área de saúde.

Oliveira (2012) afirma que são vários os motivos que levam à MGF. No que toca aos motivos socioculturais, algumas sociedades acreditam que as raparigas não se tornam mulheres maduras enquanto não forem submetidas a esta prática. Uma prática considerada necessária para a educação de uma menina e preparação para a sua vida adulta e casamento. Todavia, devido à pressão social a que estão sujeitas pelos seus pares, as próprias raparigas podem desejar ser submetidas a este ritual de passagem, pois deparam-se com o medo da estigmatização e rejeição pelas suas comunidades caso não sigam a tradição. Além disso, na maioria dos locais

onde é praticada, a MGF é encarada como uma cerimónia onde são concedidas celebrações, reconhecimento público e ofertas (e.g., presentes, dinheiro e comida) (APF, 2009).

No entanto, apesar de muitas comunidades associarem a religião à prática de MGF, nenhum dos textos sagrados, Cristão, judeu ou Muçulmano, prescreve a MGF como sendo um feito religioso (Oliveira, 2012). As opiniões emitidas pelos líderes religiosos na maioria das vezes são distintas. Pois, por um lado, existem uma maioritariamente comunidades muçulmanas que apoiam a prática e tendem a considerá-la um ato religioso ou a encarar a eliminação da MGF como uma ameaça à religião, por outro, existem as comunidades que apoiam a sua eliminação (APF, 2009).

De acordo com Juez (2002), a prática da MGF é anterior ao islão e não é habitual entre os países muçulmanos, mas adquire dimensão religiosa em alguns países muçulmanos. Mesmo em países em que a MGF é comum, existem divergências entre diferentes líderes religiosos, pois uns defendem a sua prática e outros não. Os contras defendem que, de acordo com a religião islâmica, a MGF é proibida, logo não é uma questão religiosa. Juez reconhece que, algumas muçulmanas são mutiladas e, quem o faz está a ir contra os princípios básicos do Islão. Entretanto, trata-se de uma prática comum entre os muçulmanos e cristãos coptas egípcios. Embora sejam apresentadas justificações de carácter religioso para o exercício desta prática, a MGF não é ditada por nenhuma religião.

Quanto aos motivos socioculturais, a maioria das sociedades defende que esta prática é necessária para a educação de uma menina e preparação para a sua vida adulta e casamento. Trata-se, portanto, de uma tradição inevitavelmente cumprida. Tudo em nome da religião e da cultura muito embora, *“Os usos e costumes não devem ser abandonados. Há uma tendência para monopolizar a civilização e cultura dos outros. Não deviam pôr em causa os nossos valores”* (Branco, 2002 apud Oliveira, 2012, p.4).

Assim, acredita-se que as principais razões que levam ao cometimento desta prática devem-se ao facto da MGF tem sido tornado uma parte relevante para a identidade cultural das mulheres como forma de empoderamento e, maturidade para integração na comunidade. Por isso, alguma voz afirma que

“Não é crime, não pode ser crime, porque é a nossa tradição. É um símbolo da nossa identidade, uma forma de continuarmos a saber quem somos, fora do nosso país” (testemunho de um membro da Associação de Muçulmanos naturais da Guiné em Portugal (apud OLIVEIRA, 2012, p.5).

## 1.2. Metodologia e procedimentos para a análise

O material aqui analisado foi coletado através de entrevistas (com questões abertas e fechadas) com as estudantes guineenses na UNILAB. Oliveira (2011), Cervo e Bervian (2002), afirmam que

Entrevista é uma das principais técnicas de coletas de dados e pode ser definida como conversa realizada face a face pelo pesquisador junto ao entrevistado, seguindo um método para obter informações sobre determinado assunto (OLIVEIRA, 2011, p. 35).

E o questionário, segundo Cervo & Bervian (2002, p. 48), “[...] refere-se a um meio de obter respostas às questões por uma fórmula que o próprio informante preenche”. As questões abertas possibilitam respostas mais ricas e variadas e as fechadas maior facilidade na tabulação e análise dos dados (OLIVEIRA, 2011, p. 37). Já a pesquisa bibliográfica, leva em consideração “uma fonte de coleta de dados secundária, pode ser definida como: contribuições culturais ou científicas realizadas no passado sobre um determinado assunto, tema ou problema que possa ser estudado” (LAKATOS & MARCONI, 2001; CERVO & BERVIAN, 2002 *apud* OLIVEIRA, 2011, p. 40).

No total foram entrevistadas 7 (sete) estudantes. Dessas, 3 (três) fazem Administração Pública, 3 (três) Enfermagem e 1 (uma) Bacharelado em Humanidades (BHU). Os grupos étno-linguísticas das nossas entrevistadas são fulas (4), susu (1), mandinga (1), mandinga/fula (1). Todas são da religião muçulmana. 6 (seis) são originárias do Setor Autônomo de Bissau e uma (1) da região administrativa de Bafata. As entrevistas ocorreram na Unilab, em suas casas e em outros ambientes sociais.

Os métodos qualitativo e quantitativo estiveram presentes durante a pesquisa. Conforme Maxwell Ferreira de Oliveira (2011), alguns autores defendem que existe uma inconveniência de traçar limites entre estudos denominados qualitativos e quantitativos nas investigações, “devendo ser afastado a ideia de que somente o que é mensurável teria a validade científica” (OLIVEIRA, 2011, p. 26).

Na visão de Moreira, segundo Oliveira (2011), o que difere a pesquisa quantitativa e qualitativa ultrapassa a “simples escolha de estratégias de pesquisa e procedimentos de coleta de dados, representando, na verdade, posições epistemológicas antagônicas (OLIVEIRA, 2011, p. 26-27).

Entretanto, “[...] esse debate [...] parece frequentemente inútil e até falso [...] Inútil, porque os pesquisadores aprenderam, há muito tempo, a conjugar suas abordagens conforme as necessidades”. Assim, para o pesquisador, “[...] não faz nenhum sentido desprezar o lado da quantidade, desde que bem feito”. Em vez disso, “[...] só tem a ganhar a avaliação qualitativa que souber se cercar inteligentemente de base empírica, mesmo porque qualidade não é a contradição lógica da quantidade, mas a face contrária da mesma moeda” [...]. Assim, para o pesquisador, “[...] não faz nenhum sentido desprezar o lado da quantidade, desde que bem feito”. Em vez disso, “[...] só tem a ganhar a avaliação qualitativa que souber se cercar inteligentemente de base empírica, mesmo porque qualidade não é a contradição lógica da quantidade, mas a face contrária da mesma moeda” [...]. É essencial que a escolha da abordagem esteja a serviço do objeto da pesquisa, e não o contrário, com o propósito de daí tirar, o melhor possível, os saberes desejados. Parece haver um consenso, pois, quanto à ideia de que as abordagens qualitativas e quantitativas devem ser encaradas como complementares, em vez de mutuamente concorrentes (DEMO, 2002, p.35)

É a partir desse debate, a pesquisa envolve metodologia qualitativa e quantitativa para uma análise mais profunda do fenômeno em pauta. Através da junção de dois métodos é possível é possível compreender diferentes realidades socioculturais, nesse caso, a realidade guineense. No entanto, em nossa pesquisa não se utilizou atributos numéricos, mas sim o entendimento, opiniões e sentimentos das estudantes guineenses sobre o ritual fanado feminino.

## **CAPÍTULO II: CONTEXTUALIZAÇÃO E DADOS DA GUINÉ-BISSAU**

A República da Guiné-Bissau fica situada na Costa Ocidental de África, limitada a Norte pela República do Senegal, a Leste e Sul pela República da Guiné Konacri e a Oeste pelo Oceano Atlântico. A sua superfície é de 36.125 km<sup>2</sup> dos quais apenas 27.700 km<sup>2</sup> constituem a superfície emersa devido à fraca elevação do país, relativamente ao nível médio das águas do mar; as marés penetram no interior até cerca de 150 km<sup>2</sup>, fazendo com que algumas áreas fiquem parcial ou totalmente inacessíveis durante parte do ano.

### **2.1. População**

A população (resultado provisional do último censo 1991) era de 983,367 habitantes. A capital Bissau apresentava uma estimativa de 233,000 habitantes em 1995. Em 1997, 77,5% da população vivia nas zonas rurais. A população (estimativa de 2007) é de 1.357.200 habitantes, para uma densidade populacional de 35,26 habitantes por km<sup>2</sup>. O país é constituído por uma parte continental e uma parte insular que engloba o Arquipélagos dos Bijagós, composto por cerca de 90 ilhas e ilhéus, dos quais somente 17 são habitadas.

### **2.2. Relevo, vegetação e hidrografia:**

Podem-se identificar essencialmente três zonas, uma costeira no Oeste, uma de transição no centro, caracterizada por planaltos ligeiramente ondulados e uma zona de planalto e de colinas na Região Gabú sector de Boé. A topografia favorece a existência de duas zonas de alta potencialidade produtiva, as zonas influenciadas pelas marés e as zonas circundantes às grandes bacias dos Rios Geba e Corubal, devido à grande disponibilidade de águas superficiais. Numerosos rios, dos quais o Cacheu, o Mansôa e o Geba são os mais importantes, percorrem o território e são as melhores vias de penetração no interior

### **2.3. Organização Administrativa**

Administrativamente o país está dividido em 8 (oito) regiões e 1 (um) sector autónomo, a saber as Regiões de Bafatá, Biombo, Bolama/Bijagós, Cacheu, Gabú, Oio, Quinara, Tombali e Sector Autónomo de Bissau, a capital. As regiões estão por sua vez divididas em sectores (36 no total) e estes em secções, compostas por tabancas (aldeias). As regiões e sectores são dirigidos por Comités de Estado, encabeçados por um Presidente. As administrações regionais e setoriais



### **CAPÍTULO III. ANÁLISE DAS PERCEPÇÕES SOBRE O FANADO**

De acordo com Paula da Costa (2011), na Guiné-Bissau todos os grupos étnicos realizam o Fanado (ritual de iniciação). Para os rapazes ou homens, depende de cada grupo, o Fanado culmina com a circuncisão. Alguns grupos étnicos têm o Fanado das meninas ou jovens mulheres. Nos grupos islamizados o Fanado das meninas culmina com a “corte” (mutilação genital feminina). Em vários grupos o tipo de corte também é diferenciado: remoção total ou parcial do clitóris. Constata-se, ainda, que existem pequenos grupos no norte do país que fazem a infibulação.

O Fanado realiza-se, normalmente, na floresta – em sítios isolados – onde nenhum elemento da comunidade pode entrar durante o período do ritual – 4 a 5 semanas.

Nos centros urbanos o Fanado é realizado nos bairros da periferia das cidades e longe das habitações. Ou seja, o Fanado é efetuado em terreno sagrado e com a participação e aceitação de várias divindades locais – assim as divindades das religiões tradições africanas cruzam-se com as crenças muçulmanas. Assim, Costa afirma que o Fanado tem os seus próprios protetores espirituais que terão como função não permitir a entrada de pessoas estranhas ao ritual, nem de forças malignas.

As Fanatecas (cirurgiãs e/ou excitadoras femininas) e os Fonadores (cirurgiões e/ou homens que fazem a circuncisão) são os instrumentos desta ligação entre o mundo real e o mundo espiritual. Deste modo, durante esse período os jovens ou crianças adquirem conhecimentos sobre a vida, normas de comportamento dentro da família e da comunidade. Reforça-se a questão do pertencimento de um, ligado as questões étnicas e culturais. Muitas vezes os participantes nos Fanados (crianças, jovens ou adultos) são alvo de violência física e psicológica, como forma de preparação para a vida adulta.

No último dia do Fanado a casa que é construída para o Fanado, “Barraca”, e as esteiras utilizadas no Fanado são destruídas e queimadas no fim do ritual.

A família é o suporte económico do Fanado: alimentação, roupas, pagamento às pessoas responsáveis (madrinhas) no Fanado. Toda a comunidade sente-se envolvida neste processo ritual de iniciação.

O pagamento é feito através de dinheiro ou de bens: arroz, sabão, panos, etc. Este pagamento é uma parte importante e fundamental para o rendimento económico das famílias das Fanatecas (excitadoras).

A participação no Fanado dá às crianças e aos jovens ou aos adultos um estatuto mais elevado dentro do seu grupo étnico. Também lhes possibilita ter acesso a outros níveis de escalões etários – que lhes são vedados ao não participarem nestes rituais. Sendo que, uma criança que ainda não participou no Fanado é chamada de “blufo”. Depois do Fanado são chamadas de “lambéis”. Como pode-se perceber na voz de uma das entrevistadas “Na minha cultura [...] a pessoa que não passou pelo rito de iniciação é tratada como se fosse uma pessoa não purificada, e não pode participar nos assuntos da comunidade [...]” (IAMA)

A entrada na casa do Fanado é feita através do chamamento de tocadores de tambor que circulam pelas aldeias ou pelos bairros. É frequente que meninas não muçulmanas sejam motivadas para entrarem no Fanado muçulmano. Quando isto acontece e os pais querem retirar as suas meninas do Fanado há conflitos dentro da comunidade. Segundo a lei do Fanado, quem entra não pode sair. Segundo Costa (2011), a polícia já foi envolvida em alguns casos de resgate dessas meninas. Vale notar que tem pais e parentes não muçulmanos que enviam suas filhas para o fanado. É comum ouvir dizer que pessoas de etnias com poucos muçulmanos, “incluindo católicos, já passaram pelo fanado” (NAQUEBA, 2014).

Portanto, vale ressaltar que dentro do fanado há uma cumplicidade entre os participantes e também um pacto de silêncio do que se passa lá dentro. Muito raramente uma pessoa fala do que aconteceu a si próprio ou aos outros. Pois, é um assunto tabu.

[...] Eu não falo sobre o fanado com ninguém. É segredo. Segundo os ensinamentos que recebemos na aldeia, a gente não pode falar das coisas que aprendemos e passamos lá. Não podemos falar sobre o fanado com pessoas que ainda não são purificadas. (IAMA, entrevista 01, 2017)

Segundo Costa (2011), mesmo quando há informações de morte dentro do Fanado – as pessoas não relacionam essa morte com o ato da mutilação genital feminina ou circuncisão. Normalmente as justificações para essa morte são de carácter místico externo ao Fanado – intervenção de forças estranhas ao Fanado. A autora citada acredita que esta forma desresponsabiliza qualquer pessoa que tenha tido intervenção direta ou indireta na morte. A Ma-Sirem, uma de nossas entrevistadas, chegou a passar mal desde o primeiro dia do fanado e lhe disseram que era uma menina que tem visão de ver coisas por além que é chamado de médium (poutero). Como demonstra a fala dela:

[...] Eu passei mal no início da cerimônia [...]. Me lembro que quando chegou na minha vez amarram a minha cara, e depois quando começou a ficar difícil disseram que era *poutero* (menina médium, e levou muito tempo para terminar e sofri muito. As velhas batiam em mim [...]). (MA-SIREM, entrevista 02, 2017)

Quando termina o Fanado as crianças, jovens ou adultos são entregues à comunidade numa grande festa coletiva da passagem ritualista. Os participantes recebem presentes dos familiares e da comunidade. De fato, tendo o Fanado esta importância e valor dentro da comunidade, não é uma boa estratégia fazer uma luta contra este ritual de iniciação. O que acontece é que hoje em dia “ONG e profissionais de saúde começaram trabalhar no sentido de desestimular o envio das filhas no fanado. Dizem que faz mal [...]. (NHALIM). Na verdade, o certo seria que as ONGs locais, juntamente com as comunidades encontrassem formas de transformar estes rituais de iniciação mais modernos e inovadores, e sem a mutilação genital feminina. A Naqueba, uma de nossas entrevistadas, afirma que os ritos de iniciação feminino (fanado) não precisam ser proibidos, mas “algumas coisas precisam ser mudadas ou eliminadas”, a exemplo do uso da mesma faca, pois muitas das vezes “a mesma faca é usada para 300 ou 400 pessoas, por tratar-se de uma faca que a fanateca herdou de uma parente” (NAQUEBA).

**No ano de 2001 a 2003 uma, a Sinim Mira, ONGs guineense, com o financiamento de uma ONG alemã, WFD – Weltfriedensdienst e.V., implementou 5 Fanados Alternativos, em todo o país, onde participaram 434 meninas.**

Neste capítulo o nosso interesse é desvendar a percepção que as estudantes guineenses da Unilab têm sobre os ritos de iniciação feminino, em especial o fanado. Durante as entrevistas ficou claro que uns números consideráveis dessas meninas passam pelo processo ritual do fanado quando eram crianças, principalmente de um a cinco anos. A iniciativa de enviar a filha ao fanado tem sido das parentes mais velhas, em especial as avós maternas, com ou sem o consentimento dos pais, o que pode causar desentendimentos no seio da família. A probabilidade de uma filha escapar do fanado se dá quando um dos membros da família tem uma instrução elevada ou trabalha em ONGs. Algumas entrevistadas foram submetidas a excisão entre a idade de 1 a 5 anos e as outras nem conseguem se lembrar da idade que passaram pela mesma. A Nene Gale foi enviada ao fanado com os (3) três anos de idade, a Masirem foi com os (5) cinco anos e há duas interlocutoras (Naqueba e Iama) que segundo os pais foram excisadas entre zero (0) a um (1) ano de idade.

Eu não sei acho que deve ser quando eu tinha 2 ou 3 anos de idade porque foi no período do conflito militar 7 de junho em 1998, quando fomos para o interior do país, na aldeia que refugiamos existe a prática de excisão feminina, as mulheres mais velhas me submeteram essa prática sem o consentimento do meu pai, não sei se a minha mãe sabia ou não, mas o meu pai não soube, ele veio a saber depois que eu já fui excisada e ficou bravo, na altura não tinha mínima noção dessa prática, me contaram depois que eu tinha na altura 2 ou 3 anos de idade. (MARIATU, entrevista 3)

Na percepção da maioria das entrevistadas, a prática da excisão feminina ou fanado tem a ver com a questão cultural, mas não por motivações de cunho religioso. A verdade é que as opiniões emitidas por essas interlocutoras não são unânimes. A **Umo Cairo**, por exemplo, diz que na Guiné-Bissau só as etnias que constituem a religião muçulmana é que fazem a prática da excisão feminina, mas reconhece que em outras etnias são apenas os homens que são submetidos ao fanado. A **Nenegale**, outra entrevistada, diz que é comum escutar rumores que todas as mulheres da religião muçulmana devem purificar e para se purificar tem que passar pela excisão. Oliveira (2012) mostra que apesar de muitas comunidades associarem a religião à prática do fanado, verifica-se que os textos sagrados, Cristão, judeu ou Muçulmano não prescrevem essa prática como sendo algo obrigatório. Para **Naqueba**, salientou que na base do seu costume étnico a excisão é praticada com o intuito de prevalecer ou dar credibilidade a voz e o respeito perante o meio social.

Duas entrevistadas (**Mariatu** e a **Masirem**) afirmaram que foram forçadas a se submeterem à prática da mutilação genital feminina. Já a **Nenegale** e **Iama** disseram que não foram forçadas e outras duas (**Naqueba** e **Nhalim**) não se recordaram se foram forçadas ou não porque na altura eram menores de idade.

Quando perguntadas sobre as principais consequências para aquelas que são forçadas a passar pelo rito de iniciação feminino (fanado) as entrevistadas **Mariatu** e **Nenegale** alegaram que não sabem das consequências, porque não sentiram nenhuma diferença nos seus corpos. A **Mariatu** diz que ouviu dizer que a mulher pode vir a ter complicações no momento de parto. Já que ela ainda não é mãe, não tem como saber, “talvez no futuro”. As entrevistadas **Umo Cairo**, **Masirem Naqueba** e **Nhalim** reconhecem que as consequências são negativas. O uso de uma única faca para todas as meninas, pela *fanateca*, foi apontado como o pior ponto negativo, pois a probabilidade de transmissão de doenças é maior, o que em alguns casos chega a causar mortes.

Então nesse caso eu não vou poder responder para aquelas pessoas só que sei para nós que somos muçulmanos é um orgulho passar pelo fanado porque é minha cultura. Os familiares consideram as pessoas que não passaram pelo fanado como pessoas não

purificadas, e não podem participar nas tomadas de decisão nos assuntos da comunidade. Para mim tem consequências positivas. (IAMA, entrevista 4)

A Mariatu, Nenegale, Naqueba, Nhalim e Iama afirmam que não conseguem lembrar-se das etapas de realização da prática de mutilação genital feminina. No caso da entrevistada Umo Cairo, por exemplo, só sabe dizer que foi levada numa casa bem velha e depois foi chamada para entrar no banheiro. Neste lugar estavam algumas mulheres mais velhas, e assim que ela deitou-se pegaram as suas mãos e começaram a realizar a excisão e as outras mulheres colocaram mãos na sua boca. A Masirem, afirma que não se lembra de tudo, pois no início da cerimônia passou mal. A única lembrança que ela tem é da grande festa que foi realizada um dia antes da sua ida para o fanado.

Para dizer a verdade não me lembro de todo mais lembro das algumas coisas porque eu passei mal no início da cerimônia eu lembro porque fazem grandes festas depois disso fomos na mata aí me lembro quando chegou na minha vez amarraram a minha cara e depois no momento está ficando difícil disseram que eu sou (pouter) menina médium e levou muito tempo para terminar e sofri bastante. As velhas batiam em mim e disseram que sou especial. Lembro-me que no final tinha festa, só que eu não pude assistir a festa, e acabei voltando para casa dos meus Avós paternos (entrevista 5).

Ao perguntar se existem as mulheres das outras etnias além dos que fizeram parte da etnia muçulmana que sonham passar pelo ritual de excisão, as entrevistadas **Mariatu**, **Umo Cairo** e **Nhalim** acham que não, é as entrevistadas **Nenegale**, **Masirem** e **Naqueba** disseram que sim, a quarta entrevistada afirma que há outras pessoas que gostam da religião e admiram a cerimonia e seguem tudo que encontra na bíblia sagrada que é Alcorão. Para quinta entrevistada, já existem muitas pessoas das outras etnias de alta categoria da sociedade Guineense que já passaram por ritual, no caso dos músicos e das outras etnias que na sua maioria seguem a religião católica. A entrevistada **Iama** vai dizer que não sabe das outras etnias que não pertencem à religião muçulmana, mas para aqueles que pertencem a religião fazem.

Referente aos questionário, o que as mulheres da sua etnia pensão a respeito da importância dos ritos de iniciação feminina? Na da **Mariatu**, ela demonstra que não tem muito conhecimento sobre essa prática, ela é feita mais no interior do país, cresceu em Bissau não tem conhecimento sobre a mesma, o contato que ela tinha é mais com as outras religiões, ela viu aquelas cerimonias de tambor e soube que há meninas que vão ao fanado, mas não tinha muito conhecimento da sua religião e a prática da excisão é feita na sua maioria parte no interior do país. Segundo a **Umo Cairo**, ela acha que isso é uma prática cultural por isso é importante. Na concepção de **Nenegale**, ela acha que agora maioria das pessoas tem visão diferente, mas

antigamente achavam que é obrigatório era uma coisa que deve ser feita, um ritual para uma mulher ser puro tem que passar pela mesma, mas agora muitas têm visões diferentes.

A **Masirem** repisou o que ela já tinha dito, de que as pessoas pensam é uma coisa obrigatória. Para que uma menina seja muçulmana pura tem que passar nessa fase, tem que fazer isso é uma coisa que eles têm na mente. A **Naqueba** afirma que, elas, ou seja, as pessoas que realizam a circuncisão pensam bem, porque é uma coisa herdada de geração a geração, é uma prática que lhe permite ter mais respeito perante a sociedade muçulmana. Na concepção da **Nhalim**, essas mulheres pensão que os que foram ao fanado são mais respeitadas, e é muito importante porque é a tradição e a cultura dos seus antepassados. Segundo a **Iama**, acham isso uma coisa legal, porque na comunidade muçulmana as mulheres que passaram pela circuncisão elas são mais respeitadas no meio dos muçulmanos, dizem que são purificadas, e estas pessoas é que podem participar em qualquer cerimônia durante o mês sagrado de Ramadão, pelo que eu escutei os mais velhos a dizerem.

Perguntando porque é que as mulheres que param pelo fanado são mais respeitadas, a **Mariatu** afirma que não sabe. A **Umo Cairo** salienta de que, não é em todas as etnias da Guiné-Bissau, mas sim nas etnias que fazem parte da religião muçulmana, porque dizem a mulher que foi circuncisada é limpa por isso merece ser respeitada. Por outro lado, a **Nenegale** que em Guiné Bissau os que não foram são BLUFUS e os BLUFUS são malcriados, mas ela não sabe se isso é verdade. Para **Masirem**, não é que as circuncisadas são respeitadas em todas as etnias da sociedade Guineense, ela afirma que é só os que pertencem a religião muçulmana, mas algumas pessoas agora mesmo pertencendo a religião não seguem estas regras e há aqueles que ainda seguem estas ideologias. **Naqueba** salienta que, é uma coisa cultural herdada e cada mulher que pertence a sociedade muçulmana sinta por obrigação, por vontade de passar pelo ritual com intuito de ter mais respeito e consideração pelo marido e pela sociedade muçulmana em geral. Para **Nhalim**, em outras etnias não pode afirmar, mas na etnia dela muçulmana é muito respeitada e valorizada.

Perguntando se há conflitos entre casais da religião diferentes, quando um deles decide mandar a filha por fanado, a **Mariatu** salienta que as brigas acontecem entre aspas porque a cultura de um faz e a cultura do outro não realiza a prática. Para **Umo Cairo**, as decisões devem ser dos dois, porque são religiões diferentes e etnias diferentes é um pouco difícil antes de um decide dar ordem é melhor conversar para que possam encontrar a solução. **Nenegale** vai dizer que as brigas são constantes, todos os dias, como no caso da sua família segundo a mãe dela o

pai não queria que elas fossem, a mãe os levaram, quando o pai estava de viagem, segundo mãe o seu pai sempre foi contra. A **Masirem** salientou que os conflitos errão muitos até houve a briga. Vou falar de um caso muito perto Amim

Eu tenho uma tia que casou com um senhor de Guine Conacri aí aconteceu grandes conflitos porque o marido queria levar os filhos a minha tia não estava de acordo e ata o meu pai também entrou no conflito porque ele era contra o ato da pratica nesse caso os dois tem que estar de acordo senão gera brigas até pode chegar a separação. (Masirem, entrevista 06, 2017).

Nesses casos haverá sempre conflitos, porque as mães quanto aos pais todos têm o direito na filha não cabe uma delas quer que a filha fosse submetida à prática de excisão e o outro não, as decisões devem ser tomadas na base do consenso das duas. A **Naqueba** vai dizer que isso já é um problema familiar, mas ela viu mesmo essa briga acontece na sua família, o tio dela é da religião muçulmana e a mulher é cristã, mais só que a mulher não concordava, mas o seu tio, a sua tia, inclusive a mãe dela todos estava de acordo, porque o ritual da iniciação é praticado na família, é uma cultura da etnia delas, a mulher do seu tio não tinha muita força de tomar decisão e as suas primas foram submetidas eram quatros meninas. Para Nhalim,

Antigamente o fanado era muito valorizado no meu pais e na minha etnia e alguns etnias também, mais desde que os ONGs começaram a trabalhar nesse assunto e os profissionais de saúde dizem que faz mal é por isso que eu acho que gera briga entre os casais de religião deferente até religião iguais se o casal tem visão deferente claro que vai ter brigas (Nhalin, Entrevista 07, 2017).

Pois é, a maioria parte das etnias que fazem essa prática não tinha noções das consequências que isso causa na vida das mulheres através de uso da mesma faca. Quando ONGs e profissionais de saúde começaram a fazer sensibilização, demonstrando impactos negativas causada pela mutilação genital, algumas pessoas começaram a ter noções de impedir que as suas famílias fossem submetidas a prática.

Porem, **Iama** afirma que, na verdade as vezes surgi sim o conflito entre os casais de deferentes religião ou entre duas pessoas que têm culturas deferentes, porque cada um quer respeitar a cultura dele por exemplo, se ela fosse casada com um cristão, e se quer praticara a sua cultura, obrigar as suas filhas submeterem o ritual da iniciação feminina, o seu marido não vai aceitar porque muitos cristãos são contra a prática, dizem que faz mal sem saber, isso sempre conduz no conflito.

Dando a resposta da pergunta, de como o rito de iniciação contribuiu na educação das meninas submetidas a prática, as entrevistadas **Mariatu, Umo Cairo e Masirem**

disseram que a prática da excisão não contribuiu para educação delas, a **Mariatu** salienta que no caso dela não observa nenhuma educação, porque para uma mulher ser circuncisada é uma prática muito difícil psicologicamente causa problemas nas mulheres a pessoa fica traumatizada e também causa danos físicos. A **Masirem** salienta que, no caso dela não tinha nenhuma contribuição no que se refere a educação. Porque há dois tipos de fanado Sini mira ou Cunimira, no fanado da Sini mira a pessoa aprende muitas coisas boas no que tange a prática do artesanato lã, neste tipo de fanado não há corte da genitália, as meninas só aprendem coisas boas, enquanto que na Cunimira a pessoa não aprende nada, se não é sofrimento e muita dor.

A **Nenegale**, diferente das três, afirma que sinceramente ela não sabe, porque na verdade dizem quem foi para aquele rito fica mais educada por causa da aquela temporada que as pessoas passam por lá, entre dois ou três meses, mas no caso dela só foi alguns procedimentos depois voltaram para casa, mais quanto a educação ela acha que isso deponente de base mesmo da família.

Referente a mesma questão **Naqueba**, **Nhalim** e **Iama** afirmam o contrário das outras, para elas essa prática contribuiu muito nas suas educações, a **Naqueba** confirma que a prática contribuiu muito na sua educação, porque ela fez a primeira fase quando era criança e a segunda ela fez na época quando tinha uns (12) dose ou (13) anos, aprendeu muita coisa boa como respeitar os mais velhos não é que ela não recebeu educação dos seus pais, mais durante o processo da excisão isso reforça mais, ela aprendeu muitas coisas sobre o artesanal e conversar com gestos e sinais, que ela acha muito interessante. A **Nhalim** veio a reforçar que, a prática de excisão tem grande contribuição na educação das mulheres faz com que respeitam mais e se valorizar cultura dos outros e saber respeitar os mais velhos e os menores.

A **Iama** também deu a sua contribuição sobre a boa prática educativo durante esse processo, no ponto de vista dela o processo da excisão feminina tem grande contribuição no processo educativo, principalmente para elas que são da etnia fula, ela não sabe das outras etnias que são da religião muçulmana, porque para as fulas não é só chegar e fazer a circuncisão dentro das barracas durante um mês ou dois meses, mas aprendem muitas coisas como respeitar os mais velhos ou cuidar da casa ou das suas irmãs mais pequenas e respeitar o marido, há sinais e códigos que elas aprendem na barraca, esses sinais e códigos são conhecidas só para quem já passou pela prática.

Correlação a esse questionário, as entrevistadas **Mariatu**, **Umo Cairo**, **Nenegale**, **Masirem** e **Nhalim** acharam que essa prática devia ser eliminada, porque não há nenhuma

explicação científica que demonstra as vantagens da mesma para vida e o bem-estar das mulheres, por outro lado, vão dizer que as notícias veiculadas nos rádios e televisão confirma que essa prática causa problemas nas mulheres grávidas.

No caso das entrevistadas **Naqueba** e **Iama**, discordaram com a ideia da eliminação da prática, alegando que deve haver mudanças de algumas coisas que prejudica a vida da pessoa, por exemplo, o uso da mesma faca, lamina, etc., mas as outras práticas culturais devem permanecer. Dando resposta a este questionário, se é possível uma mulher passar pelo rito de iniciação feminina (fanado), mas sem a necessidade de submetê-la à mutilação?

As entrevistadas **Mariatu**, **Umo Cairo**, **Nenegale**, **Masirem** e **Nhalim** demonstram que existe a possibilidade de passar pelo ritual da excisão feminina sem a submissão da corte de clitóris. Dantes esta possibilidade não existia, com a criação do projeto *sini mira*, traz uma nova modalidade da prática, que é ensinar as meninas fazer corte e costura.

Na concepção das entrevistadas **Naqueba** e **Iama**, a prática de excisão não tem graça sem corte genitália, afirmando que isso não é fanado, perde o seu caráter, o que devia ser mudado é o uso da mesma faca por várias pessoas durante gerações. Perguntadas se as meninas que passaram pela excisão feminina sintam o prazer ou não, todas responderam que sintam, afirmando que questões das meninas não sintam o prazer não corresponde à verdade, a questão do prazer depende psicologicamente da pessoa. A entrevistada **Naqueba** lançou várias perguntas

(...) pesquisadora algumas garotas de programa já passaram pelo rito? ou se sofreram alguma mutilação? Porque eu assisti no programa de Record investigação tem uma mulher de (60) anos que começou a fazer a programa com (17) anos de idade até agora está fazendo a programa isso não tem nada a ver com o sexo é psicológico depende da pessoa, pode ser mutilada ou não, isso não tem nada haver (Naqueba, entrevista 08, 2017).

A entrevistada foi bem explicito na sua fala, a sua interpretação sobre a mesma, é de que essa garota de programa se sentia o prazer no ato sexual com a idade que ela apresenta, não ia continuar a fazer prática de prostituição, com certeza ela não sinta nenhum prazer por isso continua transando com vários homens, será que essa mulher passou pela prática de mutilação genital feminina?

Por outro lado, a entrevistada **Iama**, salienta que os boatos de que a mulher mutilada não sinta o prazer não corresponde verdade, afirma ainda que ela é uma mulher mutilada mas sinta prazer durante o sexual. Na base desse questionário as entrevistadas **Mariatu** e **Nenegale**, disseram que sintam normalmente, isso não faz muita diferença. A entrevistada **Umo Cairo**, vai dizer que, sentiria muito tranquila e não ficava com toda essa argumentação que as pessoas

ficam falando a respeito de quem passou pela prática e também os que foram forçadas até hoje têm traumas na cabeça.

No caso das entrevistadas **Masirem, Naqueba, Nhalim** e **Iama**, comungam a mesma ideia, de que sentiam incompleto perante as suas aldeias e comunidades, porque é uma prática das suas etnias e não possam ser indiferentes perante as outras meninas da aldeia. A (**Masirem**, 2017) vai dizer o seguinte “Hoje eu estaria mais feliz porque eu posso afirmar que eu tenho um pouco de medo não sei no futuro ainda não tenho filho quem sabe no momento de ter filho pode acontecer alguma coisa até nesse momento não me sinto nada mais fico com o medo”.

Ao perguntar as entrevistadas, se pediriam aos seus pais para passar no rito de iniciação feminina (fanado) se não passassem? Respondendo essa questão, as entrevistadas **Mariatu, Umo Cairo, Nenegale** e **Masirem** disseram que não, a entrevistada **Nenegale**, demonstrou que agora ela não vai ao fanado, porque agora ela sabe que é um procedimento que dá medo, o mais fácil é levar uma criança como no caso dela, foi submetida quando tinha (3) anos seria mais fácil nestas idades, mais quando já adulta, tipo uns (14) ou (15) anos fica mais difícil até por causa do medo também é um procedimento doloroso.

No caso das entrevistadas **Naqueba, Nhalim** e **Iama**, afirmam que vão pedir os pais a fim de submeterem a prática. A **Iama** salienta que, cresce e vê que excisão feminina é a realidade da sua etnia é a sua cultura claro que ia pedir. Perguntadas na base das suas experiências se aconselhariam outras mulheres a passarem pelo ritual, as entrevistadas **Mariatu, Umo Cairo, Masirem, Naqueba** e **Nhalim**, alegaram que não. A **Nenegale** apresenta certa dúvida sobre a sua decisão, onde demonstra que isso depende, porque agora estamos num mundo avançado, as pesquisas demonstram que durante a prática a pessoa corre o risco de apanhar infecção ou outras doenças, ela não sabe se vai dar o conselho ou não.

A **Naqueba** afirma que vai aconselhar sua filha a submeter a excisão. Para **Iama** vai dizer que na sua consciência acha que não aconselharia uma menina cristão, ou seja, católica para fazer a pratica porque para ela não tem importância mais para uma menina muçulmana ela aconselharia. Ao questionar as meninas se já passaram por atitude de preconceito e discriminação pelo fato de ser uma mulher que passou pelo rito de iniciação feminina? As entrevistadas **Mariatu, Umo Cairo, Nenegale, Nhalim**, e **Iama** alegam que ainda não passaram o preconceito por ter passado pela excisão feminina, porque não gostam de falar disso ao público, no caso da R3ADT já tinha discussão com outra pessoa sobre o assunto, mas a questão do preconceito ela afirma que nunca passou.

Para **Masirem** e **Naqueba**, já passaram o Preconceito. (**Masirem**, 2017), afirma o seguinte “sim eu passei eu me lembro até hoje o meu pai como ele é contra a prática, para ponto de vista dele não é coisa boa ele fala para mim flana pelo amor de Deus não comenta com ninguém”. O pai queria que ela não comentasse com ninguém que foi excisada. Mais ela passou o preconceito mesmo com as suas primas que não foram excisadas. Por outro lado, a entrevistada **Naqueba**, confirmou que, já passou por várias formas, de forma mais leve e pesadas, mas ela não se importo e foi também bem preparada para isso porque ela cresceu numa sociedade que maioria das pessoas são da religião cristã.

Na base do questionário se alguém é contra o rito de iniciação feminina (fanado), que conselho darias para as fanatecas)? Segundo as entrevistas **Mariatu**, **Umo Cairo**, **Nenegale**, **Masirem** e **Nhalim** o conselho que dariam é de abandonar a prática, porque prejudica a vida das mulheres. No caso das entrevistadas **Naqueba** e **Iama**, afirmaram que não são conta a excisão feminina, mas deram alguns conselhos, de não usar a mesma faca durante o processo de corte de clitóris, recomendam que as fanatecas não utilizassem uma faca por todas as meninas, cada pessoa deve ter uma faca que vai ser excisada com ele. Essa questão de uso de uma faca por todo mundo não é boa, mas as outras coisas que são ensinadas na barraca devem permanecer, a cultura deve ser permanecida. Outra sugestão que a **Naqueba** traz, e de colocar as fanatecas nos hospitais assim quando bebe nasce será submetida a excisão de imediata.

Na base do questionário, se antes de passar pelo rito de iniciação feminina (fanado), teve informações prévias do que aconteceria com você lá dentro? As entrevistadas responderam que não, não tinham mínimas noções do que ia acontecer na barraca, afirmaram que eram crianças na altura. A entrevistada **Iama** salientou que era criança e não sabia o que vai acontecer na barraca, mas mesmo sabendo ela adoraria com todo o prazer de ir ao fanado.

No que tange o seguinte questionário, se as entrevistadas soubessem o que aconteceria, aceitarias passar pelo rito de iniciação feminina (fanado), mesmo sabendo que serias submetida à mutilação genital? As respostas dadas pelas seguintes entrevistadas sobre essa questão, a maioria delas no caso da **Mariatu**, **Masirem**, **Nenegale**, **Umo Cairo** e **Nhalim**, afirmam que não iam passar pelo ritual. No caso das **Naqueba** e **Iama**, ao contraria das outras disseram que vão aceitar passar pelo fanado feminino.

Ao perguntar se é verdade que as mulheres que passaram pelo rito de iniciação feminina (fanado) sofrem mais durante o parto e, conseqüentemente, são as que mais passam por cesarianas, em relação aos que não passaram pelo fanado? **Mariatu** salientou “como falei antes não sei e nunca perguntei as pessoas que já tens filhos”. Para **Umo Cairo**: “Sim porque a

pessoa já sofreu uma alteração no seu órgão isso pode causar problemas”. Segundo a **Nenegale**: “Eu não sei porque ainda não tenho filhos mais pelo que eu vi muitas mulheres da minha zona são muçulmanos e elas parem mais quase todo ano elas parem eu acho se for por causa de riscos ou dor muitas delas não vão ter muitos filhos. Na fala de **Masirem** salientou o seguinte: “Essa pergunta não sei dizer porque eu não dei luz ainda”. Enfim, para **Naqueba**:

Não eu acho que não que aqui no Brasil que um país menos de 10/ por cento que são muçulmanas eu acho que nem esses muçulmanos passaram pelo rito mais é um país campeão na parte cessaria e lá em guine que um país que eu sei da realidade maiorias das pessoas partem para cessaria divido algum problema da saúde e alguns da àquelas pessoas são os que nem sabia como é fanado e nem passaram pelo fanado um exemplo concreto a minha avo mãe da minha mãe ela tinha (10) dez filhos e esses dez filhos todos foram parto normal é na casa ainda sem nem mínimas condição com parteiras leigas que dão assistência a ela e ela passou por fanado e a minha tia tens (7) filhos passou e a minha mãe tem dois filhos todos nos ela passou por cessaria mais isso depende cada caso é um caso e fisiologia da pessoas são diferente e não tem nada haver (Naqueba, entrevista 09, 2017).

Na fala de **Nhalim**: Disso não sei dizer porque eu não tenho filhos ainda. Para **Iama**: Não é verdade as mulheres que passaram pela circuncisão não são as que mais sofrem no parto a Guine Conakry é o exemplo disso nos vimos mulher de lá parem normal em casa sem passar pela cessaria e nem fazem pre natal o menino nasce saudável e nem corre risco as vezes com ajuda das mulheres mais velhas da aldeia

## COSIDERAÇÕES FINAIS

O presente Trabalho de Conclusão de Curso de Bacharelado em Humanidades teve como objetivo um breve estudo sobre o rito de iniciação feminina na Guiné Bissau, tendo como foco a percepção que as estudantes guineenses da Universidade da Integração Internacional da Lusofonia Afro-Brasileira (UNILAB) têm do rito de iniciação denominado no país *fanado* e/ou mutilação genital feminina. Iniciemos assim o estudo apresentando o quadro de debate teórico sobre as concepções que os autores têm de ritual de circuncisão na literatura internacional, entendido como estado de ordem e desordem que regulamenta relações socioculturais. Em seguida, procurou-se apontar os caminhos metodológicos seguidos para a análise das informações de campo. A técnica usada baseou-se na pesquisa qualitativa, acompanhada de análise bibliográficas. Foram entrevistadas sete estudantes, de diferentes cursos. As entrevistas ocorreram na Unilab cujas questões giraram em torno das percepções que minhas interlocutoras têm do ritual de iniciação fanado. A análise aponta vários significados, todas elas ligadas as questões socioculturais. Por um lado, há sentimento ao caráter sagrado do ritual, mas também, situações constrangedoras, riscos à vida, riscos à saúde, sofrimentos, dentre outras situações, geradores de dor. Por outro lado, existe uma visão positiva, do ponto de vista cultural. Nos últimos anos, o ritual tem-se diminuído sistematicamente a partir de ações de sensibilização de algumas ONGs, que lutam com a prática. Essa tendência vem crescendo a criação de uma lei que criminaliza e penaliza qualquer ato de gênero, pondo em casa à saúde sexual e reprodutiva de mulheres e meninas da Guiné-Bissau. Esperamos que o presente estudo abra o espaço para realização de novas pesquisas na área de humanidades, podendo servir de referência sobre as percepções femininas sobre o ritual de iniciação – o fanado na Guiné-Bissau.

## REFERÊNCIAS BIBLIOGRÁFICAS

ABDALLA, Raqiyah Hadj Dualeh. *Sisters in Affliction : Circumcision and Infibulation in Africa*, London, Zed Press, 1982.

ADESINA, Jimi. “Práticas da Sociologia Africana: Lições de endogeneidade e género na academia”. In: Teresa Cruz e Silva, João Paulo Borges Coelho & Amélia Neves de Souto (Orgs): **Como Fazer Ciências Sociais e Humanas em África**: Questões Epistemológicas, Metodológicas, Teóricas e Políticas (Textos do Colóquio em Homenagem a Aquino de Bragança). Dakar: CODESRIA, 2012. Disponível em:<<http://biblioteca.clacso.edu.ar/clacso/sur-sur/20131028053636/ComoFazer.pdf>>. Acesso em: 10 ago. 2014.

COSTA, Paula da. **A Mutilação Genital Feminina na Guiné-Bissau**. Disponível em: <http://contramgf.blogspot.com.br/2011/01/mgf-naguinebissauunicefestimauma.html>. Visitado em 23 de jul.2017.

DIALLO, Assitan. « **L’excision en milieu bambara** », (Bamako, 1978) in *Sentinelles : Les mutilations sexuelles féminines*, Lausanne, Genève, 1980, pp. 44-41.

DORKENOO, **Efua and Elworthy, Scilla**. *Female Genital Mutilation: Proposals for Change . Forward* (Foundation for Women’s Health Research and Development) 1998 *Out of sight, out of mind? The report of a survey into inter-agency policies and procedures relating to female genital mutilation (FGM) in England and Wales*; London, 1992-1993.

EL DAREER. Asma. **Women, Why Do You Weep ?** Circumcision and its consequences, London, Zed Press, 1982.

ERLICH, Michel. «**Notion de mutilation sexuelle** », *Atelier Droits des peuples et Droits de l’homme*, in *Droit et Cultures*, Paris, 20, 1990.

MOTTIN-SYLLA, Marie-Hélène. **L’excision au Sénégal : éléments d’information pour l’action**, ENDA, Dakar, 1990.

INE-GUINÉ-BISSAU. Disponível em: [http://www.stat-guineebissau.com/pais/organizacao\\_administrativa.htm](http://www.stat-guineebissau.com/pais/organizacao_administrativa.htm). Visitado em: 17 de set. 2016.

NIZAK, Catherine. «**L’excision : une pratique en recul ?** in *Enfants d’abord*, Paris, juin 1986.

O’Connell , Helen. **Women and the family**, *Women & World Development Series*, Zed Books Ltd, London & New Jersey, 1994,

OLIVEIRA, Maxwell Ferreira de. **Metodologia científica: um manual para a realização de pesquisas em Administração**. Catalão: UFG, 2011.

OSAKUE, Grace § Madunagu, Bene § Usman, Hajara § Osagie, Jane. **Voices : Findings of a Research into Reproductive Rights of Women in Nigeria**, International Reproductive Rights Research Action Group (IRRAG), JEF, Lagos, 1995.

OTOO-OYORTEY, Naana. **Mutilação Genital Feminina: uma preocupação da saúde direitos sexuais e reprodutivos**. In: Por Nascer Mulher... um outro lado dos Direitos Humanos. APF, Lisboa 2007. Disponível em: [http://umarfeminismos.org/images/stories/mgf/Alice\\_Frade\\_2008.pdf](http://umarfeminismos.org/images/stories/mgf/Alice_Frade_2008.pdf). Visitado em: 23 mai.2015.

**QUADRO FÍSICO DA GUINÉ-BISSAU**. Disponível em: [www.statguineebissau.com/pais/index\\_quadro\\_fisico.htm](http://www.statguineebissau.com/pais/index_quadro_fisico.htm). Visitado em 17 de set. 2016.

SMITH, Jacqueline. **Visions and discussions on genital mutilation of girls**. An international survey, Defence for Children International, Section The Netherlands, Amsterdam, May 1995.

SUBUHANA, Carlos. **A Circuncisão Como Rito de Passagem na Problemática da Cultura Moçambicana: Os Casos da Cultura Yao e da Igreja Católica (inculturação)**. 2001. 131 p. Dissertação (Mestrado em Antropologia e Sociologia) – IFCS/PPGSA/UFRJ. Rio de Janeiro, 2001.

THIAM, Awa. **La parole aux Négresses**, Ed. Denoël-Gonthier, Paris, 1978.

TOUBIA, Nahid. **Mutilation génitale féminine**. Appel à la mobilisation mondiale, (version française), Women, Ink, New York, 1995.

**ANEXO I: Roteiro de entrevistas, dados das entrevistadas**

<b>Nome/Mulher</b>	<b>Idade</b>	<b>Curso</b>	<b>Região de origem</b>	<b>Grupo étnolinguístico</b>	<b>Religião</b>
MARIATU	21	Admiração publica	Setor Autonomo de Bissau	Fula	Muçulmano/a
UMO CAIRO	23	Enfermagem	Setor Autônomo de Bissau	Fula	Muçulmana
NENEGALE	26	Admiração de publica	Setor Autônomo de Bissau	Fula/Mandinga	Muçulmana
NAQUEBA	25	Enfermagem	Setor Autônomo de Bissau	Mandinga	Muçulmana
MASIREM	24	Enfermagem	Setor Autônomo de Bissau	Susu	Muçulmana
NHALIM	24	BHU	Setor Autônomo de Bissau	Fula	Muçulmana
IAIA	30	Admistração publica	Bafata	Fula	Muçulmana

## ANEXO II: Questões que guiaram as entrevistas

1. Dados básicos:

2. Nome

3. Idade

4. Origem étnica

5. Região de origem

6. Curso

7. Religião

8. você já passou pelo rito de iniciação feminina (fanado)?

9. . Com que idade passou pelo rito de iniciação feminina (fanado)?

10.No seu entender quais seriam as principais razões que sustentam a Prática do ritual de iniciação feminina (fanado) em algumas etnias da Guiné-Bissau?

11. De quem foi a ideia de fazer com que você passasse pelo rito de iniciação feminina?

12. Saberias dizer se algum parente não concordou com a ideia de você ser levada ao fanado?

13. Você foi forçada a passar pelo rito de iniciação feminina fanado? Sim ( ). Não ( ). Justifique.

13. Quais são as principais consequências para aquelas que são forçadas a passar pelo rito de iniciação feminina fanado como para suas famílias? Essas consequências são positivas ou negativas?

14. Fale das etapas da realização desse ritual de iniciação feminina (fanado), desde os preparativos até ao último dia.

15. Será que existem mulheres de outras étnicas da Guiné Bissau que sonham passar pelo rito de iniciação feminina fanado? Sim ( ) Não ( ). Justifique.

16. O que as mulheres da tua etnia pensão a respeito da importância dos ritos de iniciação feminina (fanado)?

17. Porque é que as mulheres que passaram pelos ritos de iniciação feminina (fanado) são mais respeitadas em algumas etnias e/ou culturas da sociedade guineense?
18. Fale dos possíveis conflitos que surgem entre casais de etnias e religiões diferentes, quando um deles decide mandar nos ritos de iniciação a filha do casal.
19. Como é que o rito de iniciação feminina (fanado) contribui na educação das mulheres?
20. Na sua opinião, os ritos de iniciação feminina (fanado) tem que ser proibidos e/ou eliminados? Sim ( ). Não ( ). Justifique.
21. Achas que é possível uma mulher passar pelo rito de iniciação feminina (fanado), mas sem a necessidade de submete-la à mutilação?
22. É certo afirmar que as mulheres que passaram pelo rito de iniciação feminina (fanado) sentem menos prazer? Sim ( ) não ( ). Justifique.
23. Se você ainda não tivesse passado pelo rito de iniciação feminina (fanado), como é que te sentirias?
24. Pedirias aos teus pais para passar no rito de iniciação feminina (fanado) se não passasse?
25. A partir da tua própria experiência, você aconselharia outras mulheres a passarem pelo rito de iniciação feminina (fanado)?
26. Chegou a passar por atitude de preconceito e discriminação pelo fato de ser uma mulher que passou pelo rito de iniciação feminina (fanado)? Sim ( ). Não ( ). Justifique.
27. Se você é contra o rito de iniciação feminina (fanado), que conselho darias para as fanatecas)?
28. Antes de passar pelo rito de iniciação feminina (fanado), tinhas informações prévias do que aconteceria com você lá dentro?
29. Se você soubesse o que aconteceria, aceitarias passar pelo rito de iniciação feminina (fanado), mesmo sabendo que serias submetida à mutilação genital?
30. É verdade que as mulheres que passaram pelo rito de iniciação feminina (fanado) sofrem mais durante o parto e, conseqüentemente, são as que mais passam por cesarianas, as que não passaram pelo fanado?

### ANEXO III - Outros documentos consultado

Vernier, Dominique. « Le traitement pénal de l'excision en France », Atelier Droits des peuples et droits de l'homme, in Droit et Cultures, Paris, 20, 1990.

MASON, David, 1995 Race and Ethnicity in Modern Britain, Oxford University Press  
Sochart Elise, 1987 Legislating against female circumcision: social reform or placebo politics, Strathclyde Papers on Government and Politics, n° 54.

« Discriminations à l'égard des femmes : la convention et le comité ». Série Droits de l'homme, Fiche d'information n° 22, Campagne mondiale pour les droits de l'homme, Centre pour les droits de l'homme, Nations Unies, Genève & New York, 1995.

« Mutilations sexuelles : l'excision ». Atelier Droits des peuples et Droits de l'homme, in Droit et Cultures, Paris, 20, 1990.

« Plan d'Action de la Femme 1997-2001 ». République du Sénégal, Ministère de la Femme, de l'Enfant et de la Famille, Dakar, novembre 1996.

« Popline Documentation Concerning Female Genital Mutilation ». Population Information Program, Center for Communication Programs, John Hopkins School of Public Health, Baltimore, updated February 1977.

Alternatives pour le développement avec les femmes à l'aube d'une ère nouvelle / Development Alternatives with Women for a New Era (DAWN). Population et droits reproductifs : points de vue des Féministes du Sud, Résumé de la plate-forme de DAWN pour la Conférence internationale sur la Population et le développement, le Caire, 1994.

Bibbings, Lois. Female circumcision: Mutilation or Modification?, Law and Body Politics, Regulating the Female Body, Bridgeman, Aldershot, Dartmouth.  
Cameron, Joan and Rawlings Anderson, Karen, 1998 "Circumcision", culture, and health-care provision in Tower Hamlets, Gender and Development, Oxfam. 1995

Hosken, Fran. The Hosken report, 4ème édition, Lexington, MA, WIN News, 1993.

Kirberer, Elizabeth & Randolph, Kate & Toubia, Nahid. « Intersections Between Health and Human Rights : The Case of Female Genital Mutilation », Rapport de l'atelier Violence against Women, The National Council on International Health (NCIH), New York, 1995.

Kouyaté, Henriette. « Les mutilations sexuelles », in Vie et Santé, Revue de Réseau de Recherche en Santé de la Reproduction en Afrique francophone, Dakar, Juillet 1990, n° 4.  
LBWHAP (London Black Women's Health Action Project) 1998 Annual Report 1997-1998.

LBWHAP, Is Female Circumcision Child Abuse? Report of a one-day conference held on 17th May 1991 at Jagonari, London, for Professionals and Community Leaders. 1991

Lovenduski, Joni and Randall, Vicky, Contemporary Feminist Politics, Oxford University Press, 1993.

Matthieu, Nicole-Claude. « L'arrondissement des femmes. Essais en anthropologie des sexes », Cahiers de l'Homme, Nouvelle Série XXIV, Paris, 1985.